

ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARIA ELIZIA BORGES⁸



Revista Inter-legere: Nesse Dossiê sobre representações da morte, temos o prazer de entrevistar a Professora Maria Elizia Borges. Começando, gostaríamos de pedir para a senhora falar sobre sua vida, onde nasceu, como foi sua infância e sua juventude.

Maria Elizia Borges: nasci na cidade de Marília (18/06/1949), interior do Estado de São Paulo, na época uma região de grande poder aquisitivo proveniente da cultura cafeeira. Lá fiz o primeiro ano primário. Dos 8 aos 16 anos

morei na cidade de Assis, próxima de Marília, todavia com uma cultura voltada a agropecuária. Vim de uma família simples, de pouco poder aquisitivo, ensinei meu pai a ler quando tinha 10 anos. Sempre morei em casa com grandes quintais onde

⁸ É professora Aposentada de História da Arte na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Ministra aula no programa de Pós-Graduação em História (FCHF). Pesquisadora do CNPq. Tem artigos publicados no país e no exterior sobre arte funerária no Brasil. Foi professora e coordenadora do curso de Artes Plásticas da Universidade de Ribeirão Preto, UNAERP (1973-91). Ministrou aulas na Faculdade de Arquitetura da Instituição Moura Lacerda (Ribeirão. Preto, 1992) e no curso de pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista, UNESP (Franca, 1994-95). Exerceu o cargo de Secretária da Cultura na cidade de Ribeirão Preto (1993). Integra o Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA), a Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), a Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), a Associação Nacional de Historiadores (ANPUP), a Associação brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC) e a Red Iberoamerica de Valoracion Y Gestion de Cementerios Patrimoniales. É membership da Association for [Gravestone Studies](#) (EUA). Livros publicados: *A pintura na "Capital do Café": sua história e evolução no período da Primeira República* (1999); *Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto* (2002); *Estudos Cemiteriais no Brasil: catálogos de livros, teses, dissertações e artigos* (org., 2010). Integra o GEHIM (Grupo de estudos de História e Imagem/ Fac. de História da UFG).

costumava brincar sozinha por entre as árvores frutíferas como pés de goiaba, de manga, de pêsego e de laranja e de limão. Tinha uma irmã que era 13 anos mais velha que eu. Nunca convivi em criança e na adolescência com parentes, pois estes moravam distantes, no estado de Goiás (Itumbiara) e Minas Gerais (Tupaciguara). Exemplos deste tipo de quintal me lembram de uma casa em Marília bem distante do centro da cidade. Na minha casa, minha mãe sempre fazia horta, plantava muitas flores no jardim e em vasos. Sempre tivemos animais de estimação como gato, cachorro e em alguns períodos pássaros em gaiolas. Em Assis eu acostumava, em criança, acompanhar minha irmã as segundas-feiras ao cemitério da cidade, ia pela linha de trem para encurtar o caminho e eu gostava de ir brincando pelos trilhos. Na juventude, aprendi um pouco de piano, pela imposição de minha mãe que sonhava ver a filha tocando o referido instrumento. Gostava de dançar, de estudar e tive a sorte de ter amigas cujas casas tínhamos livros da nossa idade para ler. Aos 16 anos fui morar em Ribeirão Preto. A adaptação, nesta idade da vida, foi muito difícil. Uma cidade vista como grande, com o meu pai já doente do coração. Aos poucos fui me integrando com novos amigos provenientes das escolas que estudava, me conhecendo como mulher, criando muitos amigos, vivenciando um pouco a Teoria da libertação – um trabalho que realizava em uma comunidade de Ribeirão Preto com alguns amigos, participando da formação do PT em Ribeirão Preto.

Revista Inter-legere: E a sua formação Escolar?

Maria Elizia Borges: Na minha época era comum e importante estudar em escolas de ensino público. Inicialmente, antes dos 07 anos, minha mãe me colocou numa escola particular em Marília - Dona Tomázia (muito conhecida na época) que dava aula para o 4 grau do primário juntos- eu ainda não podia me matricular no grupo - faço aniversário no meio do ano, lógico que não deu certo. Eu morria de medo dela, e não conseguia aprender nada. As lembranças que eu tenho é de um caos. Pavor! Em seguida fui para o grupo escolar público em Assis, perto da minha casa; fiz o ginásio na Escola estadual – tive que fazer o vestibular

para a seleção de vagas; fiz também o curso científico e normal em escolas públicas (Assis, seguidos depois para Ribeirão Preto). Lembro-me da reclamação dos professores da minha letra horrível, da minha dificuldade em aprender inglês, de como eu enrolava nas aulas de música e de trabalhos manuais. Lembro da rigidez de alguns professores que tive no curso normal e científico como os de português e de química. Fazia Normal no período da manhã e científico a noite. A tarde estudava e ajudava minha mãe, pois na época tínhamos uma pensão voltada para estudantes universitários e cabia a mim servir o almoço.

Revista Inter-legere: Quem foram seus mestres? Eles est(iveram)ão onde, em que Universidades?

Eu entrei na Faculdade de artes visuais da UNAERP, por um acaso, tinha uma amiga vizinha que fazia o curso e então motivada por ela fui fazer. Uma instituição particular no qual tive que trabalhar desde o primeiro ano para pagar as mensalidades com a ajuda de toda a família. Era a única faculdade de artes da região, logo agregava alunos da região. No primeiro momento me encantei com História da arte. O meu professor, Pedro Caminada Manuel Gismondi era um italiano bravo, muito culto, com formação artística na Itália, professor de história da arte e artista plástico. Foi responsável por uma galeria de arte no Rio de Janeiro, antes de vir morar definitivamente na cidade. Naquela época não havia mestrado e nem doutorado, todavia ele era uma pessoa bem relacionada com o ambiente artístico RIO/SP- reconhecido na área por pesquisar arte dos anos 70 e por estudar Manuel da Costa Ataíde, artista mineiro da época do Aleijadinho. Fiz estágio em sua casa e ao me formar tornei-me sua assistente na UNAERP. Ele foi o pai intelectual que eu não tive em casa. A sua esposa me ensinava Frances, um idioma que me agrada muito, todavia estou sem praticá-lo há muito tempo. Pedro teve inicialmente dificuldade de aceitar a minha opção de pesquisar arte funerária dada a sua formação modernista, e de valores eruditos europeus, mas aos poucos ele foi se acostumando e respeitando o meu trabalho, antes de falecer. A fac. de artes da UNAERP era formada em sua maioria por professores italianos (tidos como modernos) que vieram da Itália para fugir do governo de

Mussolini. Todos de esquerda, pessoas bem sofridas com a guerra e muito cultos. Cito Leonelo Berti - professor de pintura, Ribeirão Preto tem um bom acervo de suas obras; Bassano Vacarini - professor de escultura, idem; Fulvia Gonçalves - brasileira, artista plástica, professora de poética, hoje aposentada da UNICAMP. A escola me propiciou grande aprendizagem de vida e boa vivencia artística. A formação destes professores era muito erudita, italiana, marxista. (exceto Pedro Manuel que fazia parte de uma elite italiana)

Revista Inter-legere: Professora Maria Elizia, ainda sobre sua formação acadêmica, onde fez a graduação e sua pós-graduação?

Maria Elizia Borges: Morando em Ribeirão Preto, assim que me formei fui lecionar na UNAERP como assistente de Historia da arte e no ensino médio como professora de desenho, conseqüentemente educação artística. Efetivei no ensino de segundo grau onde permaneci por 15 anos. Na Unaerp aos poucos fui ampliando minhas aulas com a saída do professor Pedro até me tornar chefe do departamento de artes visuais por duas gestões (permaneci nesta instituição por 20 anos). Senti necessidade de fazer mestrado e então fui para a Faculdade de Sociologia e Política de SP, uma escola particular, local que podia ir uma vez por semana. Resultou daí o meu livro *A Pintura na Capital do café: sua historia e evolução no período da Primeira República* (UNESP, 1999.).Era um sistema de ensino muito particular e tive uma orientação indireta do Dr. Boris Kossoy, especialista em Fotografia no Brasil,hoje é referencia sobre o assunto. A seguir, iniciei o doutorado na USP no departamento de artes visuais (terminei em 1992) - ECA, orientada por Dra. Annateresa Fabris, italiana, historiadora de arte, referencia quanto aos estudos da arte moderna no Brasil. Nesta época era possível fazer USP viajando uma vez por semana para São Paulo. Ela se prontificou a me orientar com o meu tema sobre arte funerária, no que resultou no meu livro *Arte Funerária no Brasil: oficio dos artistas artesãos de Ribeirão Preto no período da Primeira República* (C/arte, 2002). No transcorrer destes anos já participava dos encontros da ANPAP e do CBHA.

Revista Inter-legere: Como avalia suas aprendizagens nesses espaços acadêmicos?

Maria Elizia Borges: Fazer mestrado e doutorado em SP foi sair do provincianismo de Rib. Preto, do meu modo caipira de ser, vivenciei contato com pessoas que tinham uma vivencia artística bem apurada adquirida pela experiência de anos afins. Na década de 80 e 90 ainda era muito difícil viajar fora do Brasil, principalmente para mim, e em SP cada semana que ia. Visitava museus, galerias e fazia cursos extras de historia da arte. Tanto na Sociologia como a USP você encontrava pessoas das mais diversas formações. Foi um enriquecimento paralelo ao ensino institucional das disciplinas ministradas.

Revista Inter-legere: A senhora trabalhou na UNESP, como foi essa experiência?

Maria Elizia Borges: Sai da Unaerp, fui lecionar no curso de arquitetura da Fac Moura Lacerda, onde tive meus primeiros alunos de iniciação científica; a seguir fui trabalhar na Secretaria de Cultura do município de Rib. Preto, hora como diretora do arquivo público no processo de sua instalação, hora como Secretária da Cultura e por ultimo fui contratada como professora colaboradora da UNESP - departamento de História (fiquei 4 anos, orientei dois mestrados, um deles sobre cemitérios em Minas Gerais). Foi uma vivencia muito boa, pois ministrei pela primeira vez um curso sobre morte e cemitério no programa de pós- graduação, deste curso gerou pessoas interessadas neste assunto. Ali conheci a sistemática organizacional de uma universidade pública. Pude também contribuir na formação dos alunos de graduação em história, quanto ao conhecimento da história da arte no Brasil. Infelizmente meu contrato acabou e coincidiu com a perda da minha única irmã.

Revista Inter-legere: Sabemos que a senhora é uma professora super preocupada com a pesquisa e extensão, o que passa para seus orientandos?

Maria Elizia Borges: A carreira do professor na Universidade pública tem que estar alicerçada no tripé: ensino, pesquisa e extensão. É na graduação que você procura incutir no aluno o gosto pela pesquisa, daí a necessidade do professor orientar alunos de PIBIC/CNPq. É na universidade pública que você tem condições de frequentar e participar de congressos; fazer uma pesquisa sistemática partindo do que você realizou anteriormente no seu doutorado, só após isso, você tem autonomia para gerar uma pesquisa que será a sua cara no transcorrer dos anos. É um processo árduo, vagaroso, necessita de muita persistência, é como construir um alicerce que você coloca tijolo por tijolo. Procuro passar isto para os meus orientandos, começar de baixo e seguir sempre em frente, humildade diante das questões a serem levantadas no seu trabalho.

Revista Inter-legere: Professora Maria Elizia, gostaria de saber um pouco sobre suas pesquisas. Como surgiram seu interesse pelos estudos relacionados à morte?

Maria Elizia Borges: Quando pesquisei o mestrado, inverti na produção pictórica produzida em Ri. Preto no período da Primeira República. Dentro desta experiência de pesquisar um local periférico artístico, um tipo de produção mais de gosto popular, menos voltada ao gosto erudito, senti necessidade de trabalhar com um tipo de produção serial, explicar seu modo de feitura e conseqüentemente voltei-me para questionar o processo de feitura de obras realizadas por marmorista locais. Eles tinham uma farta produção voltada para os cemitérios da cidade. Após o doutorado, optei para ampliar os estudos sobre arte funerária, conseqüentemente sobre os conceitos de morte na modernidade. Fui incentivada por vários colegas da área, por considerarem uma vertente nova dentro da historia da arte. Hoje sou considerada como tal.

Revista Inter-legere: Mesmo com os muitos estudiosos se debruçando sobre o tema, sabemos que ainda existem tabus quando se pensa em pesquisar morte,

rituais de morte e cemitério. Como seus familiares e amigos reagiram quando a senhora decidiu investigar essas representações?

Maria Elizia Borges: Num primeiro momento existe sempre um estranhamento, que leva a piadas e tudo o mais, mas quando se deixam assistir uma palestra percebem a amplitude do assunto, assim as pessoas começam a valorizar o seu trabalho.

Revista Inter-legere: Escutando a senhora compreendemos melhor esta história que nos conta. Suas falas ajudam a entender a garra e o afinco com que defende as suas pesquisas sobre cemitério.

Maria Elizia Borges: Qualquer tipo de pesquisa tem que ter garra. É lógico que um assunto como este, o desempenho tem que ser maior.

Revista Inter-legere: A senhora é Historiadora da Arte. Antes de se decidir pela área, chegou a flertar com outras áreas?

Maria Elizia Borges: Não. Sempre tive uma postura de educadora, sempre. No caso o amor pelas artes visuais; necessidade de ampliar este conhecimento através de uma pesquisa sistemática, no caso, a arte funerária no Brasil e suas implicações de produção, seu valor simbólico e imagético. Há necessidade sempre de dialogar com outras áreas do conhecimento, isso você vai aprendendo com o tempo.

Revista Inter-legere: Mas gostaríamos que falasse um pouco sobre esse amor pelos espaços da morte, que é central em suas obras e que sintetiza toda a sua construção intelectual e acadêmica.

Maria Elizia Borges: Ele apareceu como consequência do meu interesse por um tipo de produção artística que foge do gosto corrente e à medida que fui lendo livros sobre este assunto (morte), fui percebendo o quanto somos pequenos

diante de tal realidade. Há várias visões de morte no transcorrer da sociedade ocidental e percebo que todas as construções teóricas que abarcam este universo são insuficientes para compreendermos a finitude da vida. No campo da historiografia as explicações são claras, objetivas e fáceis de compreender. Mas no transcorrer da minha vida fui perdendo familiares e pessoas amigas desde muito cedo e estas leituras de certa forma me ajudaram a compreender o processo de perdas afetivas, nem por isso menos doloroso.

Revista Inter-legere: Neste sentido o objeto de estudos é extremamente importante, pois...

Maria Elizia Borges: Nos alivia um pouco a nossa dor da perda; enriquece o nosso lado humanista de ver as coisas, nos deixa mais reflexivo diante da arrogância e do poder desmedido da sociedade pós-moderna, do sistema selvagem da sociedade de consumo. Nenhum dinheiro do mundo cura o paciente em estado terminal. Apenas protela seu sofrimento.

Revista Inter-legere: Quais são os clássicos com os quais a senhora dialogou para construir seus estudos iniciais. Eles ainda são referencia?

Maria Elizia Borges: Inicialmente recorri a Philippe Ariès e Michel Vovelle - historiadores pioneiros ao tratar deste assunto; historiadores da arte - área de meu conhecimento - que recorrem ao estudo da iconologia, da iconografia, da arte popular e moderna no Brasil; pesquisadores voltados para antropologia que também tem um bom discurso sobre a morte como José Luiz de Souza Maranhão; sociólogos como Clarival do Prado Valladares; arquitetos especialistas no espaço funerário como James Curl; atualmente existe uma gama grande de historiadores que tratam desta questão como Fernando Catroga. A abordagem tem que ser interdisciplinar então dependendo do objeto a ser analisado recorro a certos autores que não falam da morte, mas indiretamente tem proximidade com o objeto a ser analisado, como o caso de trabalhar com a fotografia no cemitério. No Brasil

já existem uma boa quantidade de dissertações e teses que nos ajudam a ter um levantamento sobre o pensamento sobre o conceito de morte (documentos inéditos) e sobre o espaço cemiterial.

Revista Inter-legere: Por falar em obras, seu livro Arte Funerária no Brasil, onde faz uma leitura do trabalho das marmorarias de Ribeirão Preto/SP, propõe uma análise da arquitetura e da escultura funerária. Observamos que sua pesquisa não se limita a propor uma classificação tipológica dos diferentes jazigos e um levantamento iconográfico de figuras e signos, pois concede espaço aos agentes de sua produção. Como a senhora nos explica isso?

Maria Elizia Borges: Na época, o meu interesse ela voltado para compreender o mental criativo destes agentes - marmoristas/ artistas-artesãos.

Revista Inter-legere: Toda essa discussão revela sua paixão pelos estudos cemiteriais. Acho que a gente poderia discutir um pouco mais sobre o que você considera importante no sentido do que os pesquisadores envolvidos nessa área de estudo precisam fazer para que tornar esse lugar conhecido e desmistificá-lo.

Maria Elizia Borges: Isto é o que estamos fazendo cada dia que passa na Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais – ABEC, da qual fui presidente no período de 2008/2010 e na universidade. Ampliando o levantamento de dados, brigando para preservar os cemitérios que guardam uma parte da memória de nossa sociedade.

Revista Inter-legere: E sobre suas investigações. Já ouvimos várias reportagens onde a senhora aparece dentro dos cemitérios por todo o Brasil. Quando vai a campo, as pesquisas são bem planejadas ou há espaço para o imprevisto?

Maria Elizia Borges: Planejamento e imprevisto fazem parte da pesquisa de campo, vamos num lugar pela primeira vez, não sabemos o que vamos encontrar, os cemitérios públicos são incipientes em documentação, a maioria das prefeituras no país não investem na preservação destes espaços, diferente dos cemitérios europeus, da América espanhola e norte americanos que são administrados por empresas privadas.

Revista Inter-legere: Um tema como esse dá lugar a uma série de relações entre níveis culturais distintos. Impossível, ao nosso entender retirar dos espaços mortuários, a questão dos mitos e lendas tão presente em nosso cotidiano. Como a senhora percebe a relação entre religiosidade e feitiçaria?

Maria Elizia Borges: Num determinado período os túmulos carregavam símbolos vinculados com a religiosidade, principalmente a cristã e com a preocupação de valorizar a identidade da pessoa falecida dentro do seu contexto social. Dentro do ritual de morte imagino que a feitiçaria teve ter tido o seu papel, mas desconheço este assunto.

Revista Inter-legere: Para pensar os cemitérios os estudiosos dialogam com várias outras disciplinas. Como vê a aproximação da História da Arte com essas outras áreas do conhecimento?

Maria Elizia Borges: Normal. O cemitério é um espaço tão rico que não dá para pesquisá-lo só dentro de uma vertente. Há uma somatória de conhecimento para se ler este espaço. Devemos respeitar as particularidades de cada linha de conhecimento para enfim compreender porque o tumulo é assim, o que diz os epitáfios, quantos morreram recorrentes de doenças epidêmicas, como transformar este espaço em um local propício para se visitar e orar para o morto, como perceber que ali é diferente dos problemas da cidade dos vivos e logicamente que acarreta outros problemas peculiares do local.

Revista Inter-legere: Um traço marcante nos seus trabalhos é a articulação entre História e Arte. Como funciona isso?

Maria Elizia Borges: Tem haver com minha formação. O contexto histórico é necessário para compreendermos o objeto artístico erudito, popular e vernacular presentes nos cemitérios brasileiros secularizados, datados dos séculos XIX e XX, período em que estudo.

Revista Inter-legere: E sobre seus planos atuais, o que tem em mente, quais são os projetos? Como a senhora se situa no momento atual?

Maria Elizia Borges: Estou agora com mais tempo para me dedicar a minha pesquisa. Tenho um acervo fotográfico muito grande que fui ajuntando com o passar dos anos, os assuntos a serem trabalhados vão fluindo, amadurecendo e vamos fazendo... fazendo...

Revista Inter-legere: Sua trajetória de pesquisa é bem ampla. Além dos vários livros publicados, podemos encontrar diversos artigos onde trata da temática dos cemitérios e todo esse universo cultural que envolve as representações em torno da morte. Existe algum tema que a senhora ainda gostaria de pesquisar?

Maria Elizia Borges: Muitos. Acho que vou morrer um dia e muitas coisas vão ficar inacabadas, mas a vida é isso aí. Ultimamente me dediquei ao estudo dos retratos (escultura e fotografia) instalados nos túmulos, o assunto nunca se esgota. Você parte para outra questão, a Paisagem – também uma questão bastante abrangente, pode voltar ao que já foi dito há muitos anos atrás. O importante é sempre descobrindo novos olhares sobre aquele lugar que também se modifica a cada dia.

Revista Inter-legere: A Revista Inter-legere deixa facultada a palavra para que a senhora fique a vontade para falar...

Maria Elizia Borges: Quero agradecer o convite, as perguntas me fizeram rever um pouco a trajetória da minha vida profissional (espero ter ainda muitos alunos para orientar na pós de historia sobre esta temática) e pessoal.

Revista Inter-legere: Nós agradecemos muito a sua disponibilidade em conceder esta entrevista.